

**XIX - A FÉ
TRANSPORTA
MONTANHAS**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XIX - A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Poder da fé

1. Quando ele veio ao encontro do povo, um homem se lhe aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: Senhor, tem piedade do meu filho, que é lunático e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresenteio aos teus discípulos, mas eles não o puderam curar. Jesus respondeu, dizendo: Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui esse menino. - E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou são. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Por que não pudemos nós outros expulsar esse demônio? - Respondeulhes Jesus: Por causa da vossa incredulidade. Pois em verdade vos digo, se tivésseis a fédo tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali e ela se transportaria, e nada vos seria impossível. (S. MATEUS, cap. XVII, vv. 14 a 20.)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças toma o homem capaz de executar coisas materiais, que não consegue fazer quem duvida de si. Aqui porém unicamente no sentido moral se devem entender essas palavras. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má-vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite se veja, em pensamento, a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando a estimula o interesse, toma-se furibunda e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, denota fraqueza e dúvida de si mesmo.

4. Cumpre não confundir a fé com a presunção. A verdadeira fé se conjuga à

humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos malogros que lhe são infligidos.

5. O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que aquele que a um grande poder fluídico normal junta ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros, tidos antigamente por prodígios, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a seus apóstolos: se não o curastes, foi porque não tínheis fé.

A fé religiosa. Condição da fé inabalável

6. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que constituem as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, pode a fé ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Levada ao excesso, produz o *fanatismo*. Em assentando no erro, cedo ou tarde desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que *o que é verdadeiro na obscuridade, também o é à luz meridiana*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *preconizar alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.

7. Diz-se vulgarmente que *a fé não se prescreve*, donde resulta alegar muita gente que não lhe cabe a culpa de não ter fé. Sem dúvida, a fé não se prescreve, *nem*, o que ainda é mais certo, *se impõe*. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido de possuí-la, mesmo entre os mais refratários. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que cumpre ir-lhe, ao encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la. Tende, pois, como certo que os que dizem: “Nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos”, apenas de lábios o dizem e não do íntimo, porquanto, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. As provas, no entanto, chovem-lhes ao derredor; por que fogem de observá-las? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

Em certas pessoas, a fé parece de algum modo inata; uma centelha basta para desenvolvê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas retardatárias. As primeiras já creram e compreende-

ram; trazem, ao *renascerem*, a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra.

A resistência do incrédulo, devemos convir, muitas vezes provém menos dele do que da maneira por que lhe apresentam as coisas. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século (1), tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos incrédulos, porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.*

A esse resultado conduz o Espiritismo, pelo que triunfa da incredulidade, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XVII, vv. 14-21. - MARCOS, Cap. IX, vv. 14-30. -
LUCAS, Cap. IX, vv. 37-43 e Cap. XVII, vv. 5-6

Lunático. - Fé onipotente. - Prece e jejum

MATEUS: V. 14. Quando voltou para onde estava o povo, chegou-se a ele um homem que, ajoelhando-se a seus pés, lhe disse : - 15. Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai, ora no fogo, ora na água. - 16. Já o apresentei a teus discípulos, mas estes não o puderam curar. - 17. Jesus respondeu: Oh! geração incrédula e perversa, até quando estarei entre vós? até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. - 18. E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que ficou no mesmo instante curado. - 19. Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Porque não pudemos nós expulsar esse demônio? - 20. Jesus lhes disse: Por causa da vossa nenhuma fé; pois, em verdade vos digo que, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis àquela montanha : Passa daqui para ali, e ela passaria; nada vos seria impossível. - 21. Não se expulsam os demônios desta espécie senão por meio da prece e do jejum.

MARCOS: V. 14. Vindo ter com seus discípulos, viu Jesus que grande multidão os cercava e que com eles alguns escribas discutiam. - 15. Logo que deu com Jesus, todo aquele povo, tomado de espanto e temor, correu a saudá-lo. - 16. Ele então lhes perguntou: Que é o que discutíeis? - 17. Um homem do meio da turba respondeu : Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um Espírito mudo, - 18, o qual todas as vezes que dele se apodera o atira ao chão e o menino espuma, range os dentes e fica seco; pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. - 19. Jesus lhes disse: Oh! geração incrédula, até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-me o menino. - 20. Trouxeram-no; e, tanto que viu a Jesus, o Espírito o agitou e atirou por terra, a estorcer-se no chão e a espumar. - 21. Jesus perguntou ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? O pai respondeu: Desde a infância; - 22, e o Espírito o tem muitas vezes lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem piedade de nós e socorre-nos. - 23. Jesus lhe disse: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. - 24. Logo o pai do menino exclamou, banhado em lágrimas: Senhor, eu creio, ajuda a minha pouca fé. - 25. Jesus, vendo o povo acorrer, ameaçou o Espírito impuro, dizendo: Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, eu: Sai deste menino e não entres mais nele. - 26. O Espírito, soltando um grito e agitando violentamente o menino, saiu, ficando este como morto, de sorte que muitos diziam: Morreu. - 27. Mas, tomando-lhe Jesus

as mãos e erguendo-o, ele se levantou. - 28. Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Porque não pudemos nós expelir aquele demônio? - 29. Jesus respondeu: Os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum. - 30. Dali partindo, atravessaram a Galiléia. Ele não queria que ninguém o soubesse.

LUCAS : V. 37. No dia seguinte, quando desciam do monte, grande multidão lhes veio ao encontro; - 38, e eis que, do meio do povo, um homem exclamou: Mestre, eu te suplico, olha para meu filho: é o único que tenho. - 39. Um Espírito se apossa dele e o faz subitamente gritar, atira-o por terra e o agita em violentas convulsões, fazendo-o espumar e só o larga depois de o haver esfarrapado. - 40. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. - 41. Jesus respondeu: Oh! geração infiel e perversa, até quando estarei convosco e vos suportarei? Traze-me aqui teu filho. - 42. Ao aproximar-se o menino, o demônio o atirou por terra e o pôs em grandes convulsões. - 43. Jesus, tendo falado ameaçadoramente ao Espírito impuro, curou o menino e o restituiu ao pai.

XVII: V. 5. E os apóstolos disseram ao Senhor: Aumenta-nos a fé. - 6. O Senhor lhes disse : Se tiverdes a fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Desenraiza-te e transplanta-te para o mar e ela vos obedecerá.

N. 196. Estes versículos encerram uma das mais frisantes provas da missão de Jesus e do seu poder. As palavras: "Eu te ordeno, eu, que saias dele" - passam despercebidas à maioria dos homens e no entanto contêm a mais formal demonstração da superioridade do Cristo.

Do ponto de vista espírita, podeis, bons amigos, para bem compreenderdes o fato que aqui se vos descreve, recorrer a um símile, buscando-o no que ainda hoje ocorre entre vós. Exatamente como o menino que pelo pai foi levado à presença de Jesus, vós outros sois todos surdo-mudos e mesmos cegos. As vossas enfermidades, provocadas por influências más, vos arrastam a todos os perigos, ocasionam todas as vossas quedas. E os discípulos do Mestre se vêem impotentes para vos livrar delas, por não terem a fé bastante forte, por não praticarem bastante o jejum e a prece espirituais. (Dentro em pouco explicaremos o que, segundo Jesus, deveis entender por prece e jejum espirituais.) Encarregados de expulsar para longe de vós os "demônios" que vos subjugam, de vos libertar das paixões, dos vícios, que vos lançam "ao fogo e à água", para que aí encontreis a morte, eles conservam, no fundo de seus corações, o fermento desses mesmos vícios, dessas mesmas paixões, que lhes cumpria combater. O resultado é que, exorcizando apenas com a boca, o "demônio" ri dos esforços que empregam e persiste na subjugação.

Fazei como Jesus, vós todos que quiserdes libertar vossos irmãos da influência dos Espíritos malfazejos que os dominam.

Orai e jejuai. Mas, compreendei bem a força da prece, a ação do jejum. Prece

não é a repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos sonoras, mais ou menos humildes, ditas com os lábios para que subam ao Senhor.

Oh! não será nas vossas bocas que ela encontrará o necessário ponto de apoio para subir a Deus. Só no fundo de vossos corações reside essa força de impulsão, pela ação da qual a prece espiritual, pensamento puro, surto de amor e de adoração, se evola de um só ímpeto para o trono do eterno. Que importam as palavras! Que importa mesmo o pensamento! O que é preciso é amor, é humildade, são os atos da vossa vida, os quais, reagindo sobre os vossos pensamentos, formem um todo perfeito, digno de aproximar-se da sede da perfeição.

Jejuai, mas espiritualmente. Que importam ao Senhor os alimentos que concorrem para o sustento da vossa matéria! Que lhe importa o momento em que satisfaçais às vossas necessidades materiais! Em tais casos, é a lei orgânica que se executa; o Espírito nada de comum deve com ela ter. Jejuai pela abstenção de pensamentos culposos, inúteis, frívolos sequer. Jejuai pela sobriedade no satisfazerdes às vossas necessidades materiais. Jejuai pela vossa modéstia, pela regularidade de vossos costumes, pela austeridade do vosso proceder. Jejuai, sabendo impor-vos privações que não atentem contra o vosso organismo e que possam espalhar um bálsamo salutar sobre o organismo dos vossos irmãos. Jejuai, tirando, do que julgais servos necessário, um pouco do que vos é supérfluo, para dá-lo ao irmão a quem falta o indispensável ao sustento do corpo: o pão, a roupa, ou o teto. Eis aí, amigos, quais são o jejum e a prece que expellem o "demônio" da pior espécie, os "demônios" que vos tornam surdos, cegos, mudos.

Não temos mais que explicar, à luz da ciência espírita, as causas e os efeitos da subjugação exercida sobre o menino trazido pelo pai à presença de Jesus. Nos ns. 74 do 1º volume e 120 do 2º demos, a este respeito, todas as explicações.

Quanto à falta de poder, nos discípulos, para expulsarem aquele Espírito obsessor, a explicação desse fato se nos depara no que lhes disse Jesus. Nas palavras do Mestre está a explicação clara e precisa das causas que os impediam de afastar o Espírito mau e muito sofredor que atuava sobre o menino.

A fé, alavanca poderosa, capaz, como nenhuma outra, de levantar o mundo, constitui o único meio de que podereis lançar mão para tal fim. Da fé nasce a prece e esta, se, além de fervorosa e perseverante, vem acompanhada, como há pouco dissemos, do jejum espiritual, acaba sempre por tocar o Espírito culpado, por o esclarecer e reencaminhar.

Jesus não precisou recorrer à prece porque, puro Espírito, Espírito perfeito, investido da onipotência sobre os Espíritos impuros, sua vida, aquela vida que os homens supunham humana, decorria piedosamente aos olhos do Senhor e também porque a sua missão era um ato de fé e de amor, uma prece ativa e permanente, que o colocava (mesmo posta de lado a sua superioridade espiritual) acima de todos os Espíritos, pela força e pela persuasão.

Tratai de reconhecer bem a força da prece, de conhecer os extraordinários re-

curso que podeis auferir dela, atraindo a vós os Espíritos protetores da humanidade.

A prece, insistimos em dizê-lo mais uma vez, não é o que supondes : uma reunião de palavras que se repetem todos os dias, com determinado fim. Em tais condições, cedo ou tarde, ela se torna maquinal.

A prece poderosa, a prece de Jesus são os atos da vida sempre praticados com o pensamento em Deus, sempre reportados a Deus; é um arroubo contínuo do pensamento, a todos os instantes, sejam quais forem as ocupações do momento; é uma aspiração incessantemente dirigida ao Criador, guiando a criatura na prática da verdade, da caridade e do amor, em bem do seu progresso intelectual e moral e do progresso de seus irmãos, aspiração que a liberta das condições humanas, fazendo reinar o Espírito sobre tudo que é matéria.

Vamos agora dar-vos algumas explicações especiais.

(Marcos, vv. 14-15.) O povo, atraído pela simpatia, para junto de Jesus, o esperava, desejoso de vê-lo praticar novo "milagre". Os escribas procuravam afastar dali a multidão, lançando a Jesus as mesmas ridículas acusações que hoje vos são atiradas. Em apoio do que diziam para convencê-la, apontavam a tentativa infrutífera, que os discípulos haviam feito, de curar o menino, mostrando-se impotentes para conseguí-lo.

Ao chegar Jesus, a massa popular foi presa de forte impressão. Os termos "espanto, temor", usados nas traduções dos Evangelhos, não exprimem, no que respeita à multidão, o que se passou. Percorreu-a esse frêmito que faz pulsar com força as artérias do homem, quando pressente que um fato grave vai ocorrer. Foi essa situação indefinível o que, pelos termos "espanto, temor", se procurou exprimir.

Quanto aos escribas, que eram, entre os Hebreus, os sábios, esses pressentiam que Jesus levaria a efeito a libertação do menino. Mas, da parte deles, ao pressentimento se misturava, na realidade, o temor, porque muito os assustava o ascendente cada vez maior do Cristo.

(Mateus, v. 15; Marcos, vv. 17-22.) O pai do menino subjugado disse a Jesus, conforme referem os Evangelistas :

"Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água. - Senhor, eu te trouxe meu filho, que está possesso de um Espírito mudo - e o Espírito o tem lançado muitas vezes ora no fogo, ora na água, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos."

O pai do menino dizendo primeiro : "ele é lunático" e depois: "ele está possesso" "de um Espírito mudo", exprimiu sucessivamente as duas impressões, as duas opiniões sob cujo império se achava e, impellido pelo ardente desejo de ver curado o filho, chamava a atenção do Mestre para tudo o que, pensava ele, poderia esclarecer o caso.

Tendes, nos Evangelhos, uma exposição de fatos que, reunidos, formam a nar-

rativa completa.

As palavras ditas pelo pai do menino e pelos discípulos não foram trocadas de improviso. Houve discussão. Guardai bem isto em mente e não procureis ver desmentidos onde só há uma série de palavras, de acontecimentos, que, naturalmente, não foram calçados uns nos outros.

Quando falais demoradamente sobre um assunto, porventura vos conservais sempre dentro de determinadas linhas, empregando sempre as mesmas palavras? A discussão não atravessa diversas fases correspondentes à maneira por que ides encarando os fatos?

Até ao momento em que Jesus chegou, ninguém vira no estado do menino, que fora apresentado aos discípulos para que estes o curassem, senão uma afecção material. Tinham-no por lunático, atribuindo à ação das fases da Lua os efeitos que nele se manifestavam. Na realidade, o menino estava sob a influência de um Espírito obsessor. Entretanto, a suposição de que a influência fosse lunar nada tinha de despropositada, uma vez que, exatamente para dar lugar a essa suposição, para que ninguém suspeitasse das verdadeiras causas do mal, aquele Espírito provocava no menino os acessos em épocas periódicas. Esse obsessor que, como sabeis, exercia a subjugação sobre a sua vítima desde a primeira infância desta, adotou o processo de provocar nela acessos periódicos, por haver percebido o partido que podia tirar, fazendo crer a todos, durante muito tempo, que se tratava de uma afecção material.

O pai do menino, quando o apresentou aos discípulos, esperava uma cura material. Houve então, repetimos, grande discussão. Os do séquito de Jesus, pelos seus esforços, demonstravam ao homem que a influência dos astros não se fazia sentir na criança, que o que ali havia era "possessão", subjugação dizemos nós. Só depois disso ele se decidiu a pedir aos discípulos que lhe libertassem o filho, dando-o como "posse de um Espírito mudo", isto é: subjugado por um Espírito que, em virtude da subjugação e da ação fluídica, não lhe permitia o uso da palavra.

Vê-se assim que, apresentando em seguida o menino a Jesus como lunático e ao mesmo tempo como possesso de um Espírito mudo, o homem procedeu, não só sob a influência das suas primeiras e antigas impressões, mas também sob a da discussão havida, que lhe sugeriu a idéia da obsessão, e ainda sob a da verificada impotência dos discípulos para operarem a cura. Ele, pois, obedecia simultaneamente à idéia que primeiro lhe acudira e às impressões e opiniões que a discussão lhe dera. Foi debaixo desta dupla influência que disse a Jesus, considerando o filho como lunático: "Ele cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água"; e que disse a seguir, considerando-o possesso de um Espírito mudo: "e o Espírito o tem muitas vezes lançado, ora ao fogo, ora à água, para fazê-lo perecer". Isto acontecia porque o Espírito obsessor, pela sua ação subjugadora, levava o menino a cometer imprudências.

(LUCAS, v. 39; MARCOS, v. 18.) "Um Espírito se apodera dele e o faz soltar de repente grandes gritos."

Os gritos que o menino soltava de repente eram gritos de pavor. Ele os soltava no momento em que sentia a aproximação do inimigo, o obsessivo, que lhe anunciava a sua presença, a sua influência, por meio da ação fluídica que, produzindo a combinação dos perispíritos, dava lugar à subjugação e seus efeitos.

"Ele o atira por terra e o agita em convulsões violentas, fazendo-o espumar. Todas as vezes que se apossa do menino o atira por terra e o menino espuma, range os dentes e fica seco. Só o deixa depois de o haver esfarrapado."

A obsessão, a subjugação produzia no menino uma espécie de epilepsia, por efeito da qual ele ficava inteiriçado, frio, com a pele seca e os músculos tão contraídos, que formavam saliências por todo o corpo.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 18-19; Lucas, vv. 40-41.) Falando a homens, Jesus empregava termos humanos à altura das suas inteligências e de natureza a impressioná-los fortemente.

A exclamação do Mestre era dirigida aos que não possuíam a fé bastante forte, porquanto, se houvessem depositado mais confiança na sua palavra, teriam tido maior ascendente, teriam sido auxiliados por ele, que lhes daria a ajuda e o concurso dos Espíritos superiores, como já lhes tinha dado. De fato, como sabeis, os discípulos já haviam produzido, dentro de certos limites, fatos chamados "milagrosos", quando foram por Jesus enviados às cidades vizinhas, investidos do poder de curar os enfermos e expulsar os demônios (Mateus, X, v. 8).

Estas palavras dirigidas aos discípulos: "Oh! geração incrédula e infiel", significavam que, não tendo confiança, eles não obedeciam. Não esqueçais que a fé por si só pode fazer "milagres", mas que, em compensação, os que se desviam, os que duvidam são privados de suas faculdades e arrastados a desordens que, algumas vezes, não mais conseguem refrear.

Note-se ainda que tais palavras Jesus não as disse visando unicamente os discípulos. Alcançavam todo o povo, objetivando patentear-lhes o poder e a santidade daquele que, com uma só palavra, ia libertar o menino.

(Marcos, v. 20.) O Espírito obsessivo fez sentir a sua influência ao menino e este, pressentindo uma crise, soltou gritos de terror. Jesus deixou que o Espírito obrasse segundo os caprichos do seu livre-arbítrio, até ao momento em que lhe disse: Eu te ordeno, eu, que saias dele e não voltes mais. Isto teve a sua razão de ser. Jesus pudera ter ordenado ao Espírito que se afastasse sem convulsionar o menino, mas então o fato houvera perdido grande parte do seu prestígio aos olhos da multidão. Não esqueçais que Jesus, obrando em benefício da pessoa do menino, também obrava em benefício da massa popular. Tudo era feito com o objetivo do bem geral.

(Marcos, v. 23.) "Se puderes crer, todas as coisas são possíveis àquele que crê".

Assim respondeu Jesus a isto que lhe dissera o pai do menino : "Se puderes alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos". Aqui, notai-o bem, Jesus falou por figura, como, aliás, ordinariamente sucedia. Mas, dentro da figura, encontrareis a verdade. Que prodígios, efetivamente, não pode a fé operar? que é o que não consegue essa alavanca poderosa, essa força motriz, esse calor fecundante?

Sim; àquele que crê, tudo é possível, por isso que em torno dele os Espíritos do Senhor se grupam para assisti-lo. Não haja, porém, equívocos, nem falsas interpretações: a fé precisa ser clarividente, instruída, providente e sábia. Crer não é aceitar de cabeça baixa todas as absurdidades místicas que certos cérebros doentios engendram. Crer não é, para o espírita especialmente, pedir a assistência dos bons Espíritos para puerilidades ou atos culposos. A fé precisa ser esclarecida, pois que tem que caminhar sempre, com passo firme, pela estrada que conduz a Deus; deve ser forte, pois tem que contar consigo mesma para a obtenção do que seja justo que obtenha; deve ser sábia, pois jamais deverá ultrapassar os limites traçados à vontade e a meta que lhe é proposta.

(Marcos, v. 24.) "Eu creio, Senhor, dizia, banhado em lágrimas, o pai do menino, ajuda a minha pouca fé."

Expansão de simplicidade e de humildade. O pai do menino acreditava que Jesus tinha o poder de lhe atender à súplica, mas, humilde, simples de coração, não se sentia bastante forte na sua fé para merecer tal graça. Esse receio mesmo militava a seu favor.

(Mateus, v. 18; Marcos, vv. 25-26.) O grito estridente que, sob a ação do Espírito obsessivo, o menino soltou, foi devido ao sofrimento e ao abalo violento que lhe produziu a separação súbita e brusca dos dois perispíritos, que o obsessivo combinara para se verificarem a subjugação e seus efeitos.

No momento em que cessou a subjugação, diz a narração evangélica, o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam ter ele morrido.

Os sinais de morte aparente que, para muitos, o menino apresentava, eram devidos à lassidão produzida nele pelo abalo que experimentara e de molde a salientar ainda mais, aos olhos da multidão, o poder de Jesus.

Logo que o Mestre o segurou pelas mãos e o soergueu, ele se levantou. Para obter esse resultado, Jesus lhe restabeleceu a força fluídica, empregando a ação magnética. Como sabeis, esta se produz por ato da vontade de quem atua. Qualquer Espírito bem-intencionado poderia, pois, tê-la exercido.

(Mateus, v. 19; Marcos, v. 28.) Porque não pudemos nós outros expulsar aquele demônio? Qual a causa de não termos podido expulsá-lo? Esta pergunta, que os discípulos dirigiam a Jesus, vos mostra que já eles antes haviam curado doentes, expulsado Espíritos obsessores, livrado a muitos de subjugações. Se não possuíssem já, dentro de certos limites, essa faculdade, se não a houvessem já exercido, não se teriam

espantado daquele insucesso, não teriam mesmo em caso algum tentado a prova.

O Mestre os preparava enquanto se achava na companhia deles. Dentro da série e do encadeamento dos fatos, dos acontecimentos, tudo tinha que concorrer e concorria para lhes desenvolver a fé e torná-los aptos ao desempenho da missão que lhes seria confiada, quando Jesus terminasse o da sua na Terra.

Só quando eles entrassem a desempenhá-la ativamente, depois de se terem tornado capazes de cumprir com segurança a tarefa de que foram incumbidos, é que poderiam exercer, como de fato exerceram, o poder de curar os enfermos e de expulsar os maus Espíritos, sem que nenhum insucesso se verificasse, graças à assistência, ao auxílio e ao concurso constantes e ocultos dos Espíritos superiores.

Deu-se com as faculdades dos discípulos o que se dará com as dos médiuns atuais. Conservaram-se limitadas enquanto tinham de girar dentro de um círculo acanhado e de súbito se desenvolveram, logo que o Mestre julgou oportuno o momento.

A mediunidade dos que, entre vós, servem de instrumentos aos Espíritos está apenas em começo. Mas, contrariamente ao que sucedeu na época dos discípulos, os vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas faculdades mediúnicas quando estiver entre os homens o Regenerador, Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos.

Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. O Senhor disse: vigiai e orai, porquanto desconheceis a hora em que soará retumbante a trombeta, fazendo que de seus túmulos saiam os mortos. Quer dizer: desconheceis a hora em que Deus fará que renasçam materialmente na Terra os Espíritos elevados, incumbidos de dar impulso às virtudes que eles descerão a pregar, praticando-as em toda a sua extensão.

O chefe da Igreja católica, nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: "Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio".

Entendemos por missão superior aquela que objetiva a regeneração da humanidade e que, pelo seu conjunto e pela sua força, se estenderá, dominando a ação de todos os outros missionários. Podeis daí deduzir facilmente que o Espírito que desempenha uma missão superior está acima de todos quantos, como ele, trabalham na realização de uma obra humana.

Debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção deste termo, pois que estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo.

Não há necessidade de que penetreis nos segredos do futuro. Tudo quanto,

com relação ao presente, cumpre que conheçais vos é revelado.

(Mateus, v. 20; Lucas, XVII, vv. 5-6.) Reportai-vos às explicações que demos das seguintes palavras que Jesus dirigiu ao pai do menino: Todas as coisas são possíveis àquele que crê. Essas explicações bastam para que sejam interpretadas, em espírito e verdade, estas outras palavras que dirigiu aos discípulos: E nada vos seria impossível.

O que, porém, Jesus disse, disse-o figuradamente. Suas palavras, está claro, não se aplicam ao ato material. Proferindo-as, quis ele ensinar a seus discípulos que, com o auxílio da fé, poderiam fazer, sobre si mesmos, coisas que pareceriam tão impossíveis como serem obedecidos dizendo a uma montanha: Passa daqui para ali, ou a uma árvore: Tira-te daí e lança-te ao mar.

Não penseis que o Mestre, por aquele modo, prevenia os discípulos e os homens dos fatos materiais que uns e outros poderiam produzir. Isso fora antecipar a indagação das causas, que importava se conservassem ainda ocultas.

Não; as palavras do Mestre encerravam um sentido oculto, uma predição velada, mas não um aviso a respeito dos fatos materiais que os discípulos mais tarde conseguiram realizar, como já o tinham algumas vezes conseguido, inconscientemente, dentro de certos limites, sem darem por isso. Para a época atual, porém, para o espírita, uma vez que a nova revelação viria pôr a descoberto o sentido daquelas palavras, tinha Jesus em mente, com relação ao futuro, dar um aviso, a fim de que a produção de tais fatos fosse obtida com conhecimento de causa. Para o espírita, pois, essas palavras têm um sentido mais direto, porquanto lhe dão uma idéia do que pode obter com o auxílio da fé; mas, repetimos, da fé clarividente, esclarecida, forte e sábia, com o auxílio dessa poderosa alavanca, dessa força motriz, desse calor fecundante.

As palavras ditas por Jesus e registradas por Lucas foram pronunciadas em lugares e ocasiões diferentes daqueles em que o foram as que constam da narração de Mateus. Mandamos que as reunísseis aqui, para evitarmos repetições escusadas.

Os ensinamentos do Mestre eram, muitas vezes, os mesmos quanto ao fundo, mas amiúde variavam de forma, para estarem, de acordo com os lugares e o auditório.

(MATEUS, v. 21; MARCOS, v. 29.) Esta casta de demônios, disse Jesus aos discípulos, não se pode expulsar, não se expulsa, senão pela prece e pelo jejum.

Quanto mais perversos forem os Espíritos impuros, tanto mais necessidade têm os encarnados de se elevar para os dominar. Um Espírito apenas transviado pode ser e é acessível às advertências, aos conselhos, aos testemunhos de afeição. Mas um grande culpado é sempre empedernido, só à força sede. O que subjugava o menino era dos mais perversos.

Para vencer demônios dessa espécie não podeis empregar senão a força moral que o encarnado só adquire pela elevação moral e pela superioridade. E que é o que mais pode elevar o vosso Espírito do que o jejum e a prece praticados espiritualmente

e de coração, tais como, em nome do Mestre, vos explicamos?

Quanto ao jejum, consiste ele em vos absterdes de pensamentos culposos, inúteis, frívolos sequer, dos pensamentos, segundo o disse Jesus, de adultério, de fornicação, de latrocínio, de roubo, de homicídio, de avareza, de felonias, de falso testemunho, de dissolução, de inveja, de ciúme, de maledicência, de orgulho, de egoísmo, de loucura, significando este último termo todos os transbordamentos de paixões que arrastam o Espírito a cair irrefletidamente nos mais abomináveis excessos; em vos absterdes de todas as maldades, por palavras e por atos; em vos absterdes, finalmente, de qualquer falta, por mínima que pareça. E não é tudo. O jejum espiritual consiste ainda em praticar a sobriedade na satisfação das necessidades materiais, a sinceridade na modéstia, na regularidade dos costumes, na austeridade do proceder; em praticar de todo o coração, pelo pensamento, pela palavra e pelos atos, a humildade, o desinteresse, o perdão e o esquecimento das injúrias e das ofensas, o devotamento, a justiça, o amor e a caridade, para com todos, na ordem material, na ordem moral e na ordem intelectual, no lar doméstico e no seio da grande família humana.

Quanto à prece espiritual, tornamos a dizer: ela não consiste na repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos humildes, ditas com os lábios. A prece espiritual é o arrebatamento de amor, de adoração, o pensamento puro que, de um só ímpeto, se transporta ao trono do Eterno e que, por efeito da humildade, pelos atos da vossa vida, reagindo sobre o mesmo pensamento, dele faz um todo perfeito, digno de aproximar-se da sede da perfeição.

N. 197. De que natureza era a falta que dera causa a ficar o filho daquele homem sujeito, desde o seu nascimento para expiá-la, a tão horrível subjugação?

Por abuso de poder moral, numa existência precedente. É fácil de perceber o sentido destas palavras. Não conheceis a influência perniciosa que um Espírito desenvolvido, mas perverso, pode exercer sobre homens de inteligência mais fraca? Não temos, porém, que fazer aqui o histórico da existência daquele Espírito, pois, se o fizéssemos, nos afastaríamos muito do quadro que vos foi traçado.

N. 198. O Espírito obsessivo fora vítima desse abuso de poder moral?

Não; mas, pouco importa que o Espírito vítima tenha sido este ou aquele. Entretanto, deveis compreender que o Espírito, fraco, crédulo, que foi vítima do abuso de poder moral, não incorreu por isso em grande culpabilidade e que o papel desempenhado pelo obsessivo do menino denotava uma natureza perversa.

São relações que se estabelecem por analogia. A punição atrai para junto do culpado aquele que virá a ser o instrumento dela. Quer isto dizer que os guias do culpado sujeito a uma expiação não se opõem à ação que sobre ele queira exercer outro Espírito para o atormentar. Assim, aquele que se deixa arrastar por seus maus

instintos, se aferra ao que escolhe para sua vítima, julgando-a indefesa. Dizemos - julgando-a, porque, se ele tentasse ultrapassar os limites do sofrimento, moral ou físico, que o paciente tenha de suportar, os Espíritos superiores imediatamente o deteriam.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XIX - A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

8. Quando saiam de Betânia, ele teve fome; e, vendo ao longe uma figueira, para ela encaminhou-se, a ver se acharia alguma coisa; tendo-se, porém, aproximado, só achou folhas, visto não ser tempo de figos. Então, disse Jesus à figueira: Que ninguém coma de ti fruto algum, o que seus discípulos ouviram. - No dia seguinte, ao passarem pela figueira, viram que secara até á raiz. - Pedro, lembrando-se do que dissera Jesus, disse: Mestre, olha como secou a figueira que tu amaldiçoaste. - Jesus, tomando a palavra, lhes disse: Tende fé em Deus. - Digo-vos, em verdade, que aquele que disser a esta montanha: Tira-te daí e lança-te ao mar, mas sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, firmemente, de que tudo o que houver dito acontecerá, verá que, com efeito, acontece. (S. MARCOS, cap. XI, vv. 12 a 14 e 20 a 23.)

9. A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam propensão para o bem, mas que, em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que mais brilho têm do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, revelem, quando perscrutadas, algo de substancial para os corações. E de perguntar-se que proveito tiraram delas os que as escutaram.

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida. O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, porquanto dia virá em que se acharão secas até à raiz. Quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que nenhum bem para a Humanidade houverem produzido, cairão reduzidas a nada; que todos os homens deliberadamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem, nestes últimos, a falta de órgãos materiais pelos quais transmitam suas instruções. Daí vem o serem dotados de faculdades para esse efeito. Nos tempos atuais, de renovação social, cabe-lhes uma missão especialíssima; são árvores destinadas a fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número, para que abunde o alimento; há-os por toda a parte, em todos os países em todas as classes da sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que em nenhum ponto faltem e a fim de ficar demonstrado aos homens que *todos são chamados*. Se porém, eles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos sazonados dão maus frutos se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se nenhum proveito tiram dela para si mesmos, melhorando-se, são quais a

figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil neles: a semente que não sabem fazer que frutifique, e consentirá que se tornem presas dos Espíritos maus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A fé: mãe da esperança e da caridade

11. Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. Mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus, cumpre-lhe velar atentamente pelo desenvolvimento dos filhos que gerou.

A esperança e a caridade são corolários da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que faculta a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverdes fé, que esperareis? Não é a fé que dá o amor? Se não tendes fé, qual será o vosso reconhecimento e, portanto, o vosso amor?

Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem. É a base da regeneração. Preciso é, pois, que essa base seja forte e durável, porquanto, se a mais ligeira dúvida a abalar que será do edifício que sobre ela construirdes? Levantai, conseguintemente, esse edifício sobre alicerces inamovíveis. Seja mais forte a vossa fé do que os sofismas e as zombarias dos incrédulos, visto que a fé que não afronta o ridículo dos homens não é fé verdadeira.

A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras persuasivas que vão à alma. ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta. Pregai pelo exemplo da vossa fé, para a incutirdes nos homens. Pregai pelo exemplo das vossas obras para lhes demonstrardes o merecimento da fé. Pregai pela vossa esperança firme, para lhes dardes a ver a confiança que fortifica e põe a criatura em condições de enfrentar todas as vicissitudes da vida.

Tende, pois, a fé, com o que ela contém de belo e de bom, com a sua pureza, com a sua racionalidade. Não admitais a fé sem comprovação, cega filha da cegueira. Amai a Deus, mas sabendo porque o amais; crede nas suas promessas, mas sabendo porque acreditais nelas; segui os nossos conselhos, mas compenetrados do um que vos apontamos e dos meios que vos trazemos para o atingirdes. Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé. - *José, Espírito protetor.* (Bordéus, 1862.)

A fé humana e a divina

12. No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.

Até ao presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a exalçou como poderosa alavanca e porque o têm considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, *a vontade de*

querer e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. Também os apóstolos não operaram milagres, seguindo-lhe o exemplo? Ora, que eram esses milagres, se não efeitos naturais, cujas causas os homens de então desconheciam, mas que, hoje, em grande parte se explicam e que pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo se tornarão completamente compreensíveis?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas faculdades à satisfação das necessidades terrenas, ou das suas aspirações celestiais e futuras. O homem de gênio, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim colimado, certeza que lhe faculta imensa força. O homem de bem que, crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, haure na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, a força necessária, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendures que se não chegue a vencer.

O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos singulares, qualificados outrora de milagres.

Repito: a fé é *humana* e *divina*. Se todos os encarnados se achassem bem persuadidos da força que em si trazem, e se quisessem pôr a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar o a que, até hoje, eles chamaram prodígios e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas. *Um Espírito Protetor*. (Paris, 1863.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XXI, vv. 18-22. - MARCOS, Cap. XI, vv. 12-14 e 20-26

Parábola da figueira que secou

MATEUS: V. 18. Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome, - 19, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou. - 20. Vendo isso, os discípulos diziam entre si, tomados de assombro: Como secou num instante! - 21. Disse-lhes então Jesus: Em verdade vos digo, que, se tiverdes fé e não hesitardes em vosso coração, não só fareis isto a uma figueira, mas ainda se disserdes a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, assim se fará. - 22. E obtereis tudo o que com fé pedirdes na vossa prece.

MARCOS: V. 12. No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele teve fome, - 13, e divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. - 14. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.

V. 20. Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à raiz. - 21. Pedro, lembrando-se da palavra do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoaste secou. - 22. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. - 23. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. - 24. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. - 25. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa tiverdes contra alguém, perdoai-lha, a fim de que vosso pai, que está nos céus, também vos perdoe os pecados. - 26. Porque, se não perdoardes, também vosso pai, que está nos céus, não perdoará os vossos pecados.

N. 248. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras de Jesus, os atos por ele praticados, as diversas manifestações espíritas que se produziram desde o instante em que o seu aparecimento na Terra foi anunciado, preparado e realizado, até o termo da sua missão terrena, o que tudo os evangelistas relataram debaixo da influência mediúnica, como tinha que ser, - com as apreciações, as opiniões, as impressões dos homens, respeito à personalidade do Mestre, à sua natureza, à sua origem, às suas palavras e aos seus atos.

Jesus quis dar uma lição a seus discípulos. Da narrativa de Marcos consta que naquele momento não se achavam na estação dos figos. Ora, sabendo Jesus que a

árvore nenhum fruto tinha, outra coisa não visou senão lembrar, aos apóstolos e a quantos o seguiam, estes ensinamentos: que a árvore que não dá frutos é condenada; que, em tempo algum, deve o homem ser estéril; que jamais deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso, pelo seu adiantamento, pelo progresso e adiantamento de seus irmãos.

Jesus, repetimos, dava a seus discípulos uma lição prática. A figueira nada significa, o fato é tudo. Estivesse lá em lugar de uma figueira uma parreira e do mesmo modo teria sido fulminada. Jesus tinha que atuar sobre as inteligências e não sobre a matéria.

Ó homens materiais, que não compreendeis senão o que vos parece matemático, para Jesus a árvore não passou de um meio de que ele se serviu a fim de tornar compreensível aos homens que lhes cumpre dar frutos em todas as épocas. Os discípulos, que ignoravam a ciência do mundo, mas já tinham a percepção das coisas espirituais, compreenderam, tanto que não disseram ao Mestre: Porque fulminas esta árvore que não pode dar frutos, uma vez que não estamos na estação própria? limitando-se a dizer: Como secou num instante!

Ao que Jesus respondeu: A fé tudo pode. Isto não equivalia a dizer que a vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia?

O exemplo que ele deu visava tocar a imaginação dos que o seguiam, fazendo-lhes compreender a necessidade de não serem estéreis em tempo algum; destinava-se a ensinar-lhes o poder e a força da vontade, se apoiada na fé. Cumpria que, quando não mais na Terra estivesse, eles fossem instrumentos simultaneamente dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam no desempenho de suas missões.

Dizendo à figueira, onde só folhas encontrara: Nunca mais de ti nasça fruto, e fazendo que a árvore secasse imediatamente, apenas teve em mira, não o esqueçais, atentos o estado das inteligências e as necessidades da época, bater forte para ser compreendido.

Longe vinham ainda os tempos em que as suas palavras e o fenômeno operado haviam de ser explicados em espírito e verdade. As massas, portanto, muito materiais, precisavam ser impressionadas materialmente.

Vós, espíritas, compreendereis o fenômeno e de que modo a figueira secou subitamente. A uma ordem mental de Jesus e por efeito de sua vontade, os Espíritos prepostos ao que concerne à vegetação retiraram da seiva, por uma ação instantânea, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão a vida e os fluidos necessários à vegetação material.

O efeito produzido pela subtração dos fluidos vitais foi idêntico ao que produz o vento do deserto que seca toda planta sobre que sopra. Os discípulos notaram imediatamente a ação exercida sobre a árvore e, no dia seguinte, ainda se detiveram a lhe verificarem os efeitos.

Assim é que as duas narrações evangélicas se completam reciprocamente, com

duas ordens distintas de palavras, de diálogos, de ensinamentos.

Compreendi igualmente o espírito destas palavras, oculto também sob o véu da letra: Nunca mais nasça fruto de ti. Elas encerram a condenação do dogma católico da ressurreição dos corpos. O que se deu com a figueira, que subitamente secou, dá-se com o homem que, alvejado pelo anjo da libertação quando menos o espera, morre de súbito, sem haver produzido nenhum fruto. Porventura, uma vez seco, vosso corpo ainda produz novos frutos? Não. Mas o vosso Espírito, não continua, ao contrário, por meio da expiação na erraticidade e depois por meio da reencarnação, a sua marcha pela senda do progresso?

A figueira que secou não mais podia dar frutos, porém, o princípio espiritual, como acabamos de dizer, fora para outro ponto, a fim de continuar a sua marcha progressiva dentro da unidade infinita em que tudo - pela vontade de Deus, criador universal, inteligência suprema e eterna - procede do infinitamente pequeno e culmina no infinitamente grande, sob a vigência das leis gerais e imutáveis, que se aplicam e executam pela ação espírita, leis que são da essência mesma do criador incriado e constituem o que chamais "as leis da natureza".

A parábola da figueira que secou teve por objeto concitar o homem a utilizar a existência terrena, que o Senhor lhe concede para expiar, reparar e progredir, com o auxílio e o amparo do seu anjo guardião e dos bons Espíritos.

Essa parábola adverte o homem de que o Espírito culpado que, até à época em que se operar a separação do joio e do bom grão, permanecer surdo às inspirações do seu anjo guardião e dos bons Espíritos, rebelde, não obstante acharem-se-lhe abertas as sendas da expiação, da reparação e do progresso, não mais dará frutos na Terra.

Será rechaçado para mundos inferiores, correspondentes ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso, do seu adiantamento.

Jesus vos mostrou, de um lado, a esperança permanente de melhorar o homem e a perseverança dos Espíritos, a quem essa obra está confiada, em intercederem a favor do culpado, até que consigam fazê-lo chegar à condição de dar frutos; de outro, a natureza ingrata e seca, que nenhum esforço será capaz de modificar e que, por isso, cumpre seja afastada de um meio onde a sua conservação só poderia ser nociva.

Quanto ao sentido simbólico, segundo o espírito, das palavras que Jesus dirigiu a seus discípulos, conforme aos vv. 20-22 de Mateus, e a Pedro, conforme aos vv. 23-26 de Marcos, já recebestes as explicações necessárias, às quais vos deveis reportar. Não temos que voltar a esse ponto.